

**“CADA CONTO UM CANTO, CADA CONTO UM ENCONTRO”:
O LÉXICO DE BASE INDÍGENA (RE)EXISTINDO À
INVISIBILIDADE EM CONTOS DE KAWANY FULKAXÓ**

Maria Ionaia de Jesus Souza (UNEB)

misouza@uneb.br

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

Durante muito tempo os livros didáticos apresentaram uma visão estereotipada da figura indígena no processo de formação da sociedade brasileira. O indígena, que deveria ser o protagonista de sua própria história, foi silenciado e o olhar ocidental disseminou uma história forjada, camuflando os saberes e a cultura dos povos originários. O apagamento da cultura indígena é uma constante e não acontece apenas no âmbito territorial. As artes, a língua, a religião, o trabalho e as festas têm sido alvo de tentativas de eliminação. Na direção contrária a essa realidade, a indígena Kawany Fulkaxó, pertencente à comunidade Kariri-Xocó, tem publicado contos que buscam preservar e disseminar a cultura do seu povo. E, numa ação de sobrevivência e resistência, ela dissemina conhecimentos indígenas milenares. A partir do levantamento lexical preliminar, o recorte feito para esta apresentação tem o objetivo de pontuar as primeiras impressões sobre o léxico de base indígena que a autora utiliza em seus contos e apresentar o contexto de produção da obra. Para atingir o objetivo proposto, tem-se como aporte teórico os estudos de Coseriu (1977), as reflexões de Abbade (2006, 2015) e Biderman (2001). Recorre-se às obras de Grondin e Viezzer (2021) e Paiva (2015), para compreensão da história linguística e cultural sobre o povo Kariri-Xocó.

Palavras-chave:

Léxico Contos indígenas. Povos originários.

ABSTRACT

For a long time, textbooks presented a stereotyped view of the indigenous figure in the formation of Brazilian society. The indigenous person, who should have been the protagonist of their own history, was silenced and the Western gaze disseminated a history, camouflaging the knowledge and culture of the original peoples. The erasure of indigenous culture is a constant and it doesn't just happen in territorial sphere. The arts, language, religion, work and festivals have been the target of elimination attempts. In the opposite direction to this, Kawany Fulkaxó, a member of the Kariri-Xocó community, has published short stories that seek to preserve and disseminate the culture of her people. And, in an act of survival and resistance, she disseminates millennia-old indigenous knowledge. Based on a preliminary lexical preliminary lexical survey, the selection made for this presentation aims to point first impressions of the indigenous lexicon that the author uses in her short stories and to present the context in which the work was produced. In order to achieve the proposed objective, the following theoretical framework is used: studies by Coseriu (1977), the reflections of Abbade (2006, 2015) and Biderman (2001). The works of Grondin and Viezzer (2021) and Paiva (2015), to understand the linguistic and cultural history of the Kariri-Xocó people.

Keywords:

Lexicon. Indigenous tales. Native peoples.

1. *Para começar, eu conto*

O legado de luta e resistência é uma ação recorrente entre os povos originários e não poderia ser diferente com o povo Kariri-Xocó, classificado pelo colonizador de Tapuias, no sentido de rebelde, “brabo”, e se esse termo generalizava as etnias de índole e procedências diametralmente opostos ao que pregava o colonizador, vale ressaltar que os indígenas eram os donos da terra e viviam livres, respeitando a terra e em sintonia com a ancestralidade. Além do mais, ser diferentes dos invasores era uma característica genuína aos povos originários.

Dentro da dinâmica de revitalização cultural e perpetuação dos costumes ancestrais, está a indígena Denízia Cruz, nome civil de Denízia Kawany Fulkaxó⁶. Para entender a potência dessa mulher, é preciso traçar um pouco da sua trajetória dentro do contexto onde ela se insere.

2. *Sobre a autora e sua obra*

Denízia Kawany é indígena do povo Fulkaxó, da aldeia Fulkaxó, situada na cidade de Pacatuba, em Sergipe, e do povo Kariri-Xocó, da cidade de Porto Real do Colégio, em Alagoas. Mulher, mãe, professora, pedagoga, especialista em Desenvolvimento infanto-juvenil, com enfoque psicoeducacional, bacharela em Direito, mestre em História (Educação Africana, Povos Indígenas e Culturas Negras), escritora e contadora de histórias. É ativista na defesa dos povos originários, do meio ambiente e dos direitos humanos. Nasceu em 1980, na Aldeia Kariri-Xocó, na cidade de Porto Real do Colégio, em Alagoas, possui militância voltada à cultura e história dos povos indígenas, onde defende os interesses coletivos de suas comunidades. Com uma trajetória pautada pela autorreflexão, Kawany está empenhada nas questões que envolvem a organização social, econômica e cultural das pessoas da comunidade em que vive. Ela verbaliza que o seu povo viveu conflitos intensos, enfrentando, desde sempre, o preconceito e a violência, sendo confrontado e confrontando a sociedade não indígena, esta, por sua vez, não entende, não aceita e, muito menos,

¹ Explicação dada por Denízia: “Kawany, que significa folha em Tupi, foi escolhido para proteger minha espiritualidade e Fulkaxó significa a junção de três etnias: Fulnio-ô, do estado de Pernambuco; Kariri, do estado de Alagoas; Xocó, do estado de Sergipe.”

respeita a cosmologia dos povos originários. Ressalta que a busca de entendimento, aceitação e respeito à causa indígena é uma luta diária para reversão de um imaginário distorcido e estereotipado, criado pelos invasores e mantido pelos seus descendentes, o que fez do seu povo, e dela, aquilo que se autodenomina: aldeia de “índios fortes”. E pontua Cruz (2022):

Os elementos da natureza sempre fizeram parte de minha vida. Terra, fogo, água e ar estiveram sempre presentes em minha vida social, cultural e espiritual. A terra do sagrado Ouricuri enraizou em mim os princípios fundamentais da ancestralidade familiar. A abundância da água do rio Opará que desagua no mar, que nunca morre e, na sua exuberância, alimenta a vida. (CRUZ, 2022, p. 23)

Nas palavras de Denízia Cruz pode-se perceber a relação forte que os indígenas têm com a natureza, sendo a terra de suma importância por diversas razões que se entrelaçam e refletem a essência de sua relação com o ambiente. Um aspecto gira em torno da cosmovisão, pois, refere-se ao conjunto de crenças, valores, ideias e percepções que o indígena possui sobre o mundo e a existência. Outro aspecto diz respeito à espiritualidade já que para o indígena é na terra que se busca os saberes ancestrais.

A imagem a seguir é da indígena Denízia Kawany Fulkaxó, autora dos contos indígenas que são estudos neste trabalho.

Figura 1: Foto da indígena Denízia Kawany Fulkaxó.



Fonte: Denízia Cruz, 2022.

Nos contos escritos por Kawany, a importância que a terra tem para os povos indígenas tem destaque, e a concepção que se atribui à interpretação de “índios na visão dos índios” possui um significado diferenciado, como aponta o indígena Daniel Munduruku (2016):

Quando me veio a ideia de escrever, foi uma tentativa de contribuir para diminuir o preconceito e o desconhecimento que as pessoas tinham a respeito da cultura indígena. Minha primeira inspiração era também oferecer

um material educativo, que as pessoas pudessem aprender sobre a cultura indígena, mas que não fosse um livro só didático, que tivesse também elementos da literatura, a mágica das populações indígenas, para que pudessem ver um pouco como é a cultura indígena escrita por um de seus membros. É uma leitura da sociedade indígena que procura mostrar à sociedade não indígena como é a nossa vida, nossas tradições de aldeia. Esse livro foi importante por conta disso, criou um marco na relação com a sociedade brasileira, que ouvia falar dos índios a partir de escritores não indígenas e nunca tinha ouvido falar dos indígenas a partir do olhar de um de seus membros. (MUNDURUKU, 2016)

A indígena Kawany Fulkaxó segue na mesma direção do que aponta Munduruku; assim, seus escritos literários apresentam um teor narrativo que dissemina e fortalece a cultura do seu povo, pautado no respeito ao conhecimento ancestral. Os seus contos podem contribuir para desmistificar interpretações equivocadas acerca do indígena no cenário brasileiro e, como bem escreveu Caetano Veloso, “aquilo que nesse momento se revelará aos povos, surpreenderá a todos, não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido o óbvio”⁷.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Histórias e espelhos: memórias de vida, relatos e experiências de uma educadora indígena”, Kawany (2022) apresenta um trabalho autobiográfico e, na condição de educadora, relata que sempre esteve preocupada com uma educação que pudesse contribuir com a história do seu povo. Na seção denominada “Narrativas e memórias de um povo”, ela inicia sua abordagem falando sobre a postura do colonizador:

Os portugueses chegaram ao litoral do que hoje é conhecido como Brasil no século XVI. As histórias contadas pelos colonizadores ao longo do tempo foram forjadas pelos interesses econômicos e financeiros de uma sociedade eurocêntrica, invasora, gananciosa e escravocrata, que formou um imaginário falso e cruel sobre os povos aqui encontrados. Assim, esses povos foram submetidos à escravidão, tiveram suas terras invadidas e suas culturas apagadas, além, é claro, de esses europeus iniciarem um processo de genocídio em larga escala que quase dizimou os povos originários no Brasil. (KAWANY, 2022)

Partindo dessa exposição, ela expõe que o processo de educação do povo Kariri-Xocó é iniciado desde o momento que se descobre a gestação e os ensinamentos ancestrais acompanham esse nascituro. Assim, os conhecimentos que são transmitidos na oralidade vão sendo perpetuados na comunidade. É questiona a referida autora:

Como pensar em uma Educação Escolar Indígena sem inserir esses ensinamentos que fazem parte das nossas tradições? Qual o sentido da vida se não

⁷ Versos da música *Um índio*, do cantor Caetano Veloso.

respeitarmos as formas que cada povo vive? Como inserir a educação formal nas escolas das aldeias, se não pensarmos em como as aulas serão executadas, inserindo os aspectos da educação dentro de cada cultura? (KAWANY, 2022)

A autora pontua que, embora não seja possível apagar as marcas deixadas pelo colonizador, alguns direitos foram conquistados e existe um longo caminho a percorrer, no sentido de dar “voz e vez” ao seu povo. Pode-se aqui citar como exemplo, o direito a uma educação escolar intercultural, específica e diferenciada, assegurada pela Lei nº 10.172⁸, que em 9 de janeiro de 2001 aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) em que inclui o respeito pelas epistemologias particulares relacionadas aos povos originários.

Foi pensando na revitalização dos costumes e do saber ancestral do seu povo que a indígena Kawany Fulkaxó buscou uma alternativa para intervir em torno do conjunto de relações concretas vivenciadas na comunidade como forma de perpetuar saberes ancestrais, costumes e modos de viver, a partir da reconstrução dos espaços e experiências em torno das memórias dos mais velhos. Essa contribuição se concretiza a partir da escrita de contos indígenas infantis, publicados pela Editora Sesc⁹, nos quais podem ser vistos hábitos culturais do povo Kariri-Xocó sendo explicados e justificados numa linguagem atraente para o segmento infantil. Além do respeito à ancestralidade, os textos reúnem vocábulos da linguagem usada pela comunidade. Nesse movimento de (re)existência e sobrevivência, a autora procura maneiras de evitar que a identidade de seu povo seja apagada. Esses contos estão reunidos em 4 volumes e, na seção seguinte, serão apresentados numa descrição mais detalhada.

2.1. “*Quem conta um conto, aumenta um ponto*”: a produção literária de Kawany Fulkaxó

Partindo do entendimento de que a língua é uma construção social, ao escrever em seus contos vocábulos usados pelo povo Kariri-Xocó, Kawany está na direção do que escreveu Silva (2000):

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo

⁸ LEI Nº 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Art. 2º A partir da vigência desta Lei, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão, com base no Plano Nacional de Educação, elaborar planos decenais correspondentes.

⁹ Segmento *editorial* voltado à publicação de livros nas áreas de artes e ciências humanas.

cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p. 76)

A partir dessa citação, entende-se que os vocábulos Kariri-Xocó que aparecem nos contos, e compartilhados num movimento que envolve a coletividade, contribuem para disseminar, não apenas as manifestações culturais, mas também linguísticas, do grupo, numa ação que promove o não esquecimento de hábitos dessa comunidade.

Durante todo o período colonial, e mesmo depois dele, a presença do indígena não foi vista, ou considerada, pelas instituições sociais, exceto aquelas ligadas à repressão, ao domínio, e os indígenas estiveram sempre subjugados aos interesses do colonizador. Pouco mais de duzentos anos após a chegada do branco, a situação do indígena torna-se decadente: lutando pelo direito de possuir a terra, ele passa a viver na condição de rebelde fugitivo. Com poucas alternativas de vida, sem o direito assegurado, ainda que registrado em lei, o indígena precisava se valer da bondade alheia para a sobrevivência, e, muitas vezes, recluso em cativeiros, como relata Ribeiro (2006):

Milhares de índios foram incorporados por essa visão à sociedade colonial. Incorporados não para se integrarem nela na qualidade de membros, mas para serem desgastados até a morte, servindo como bestas de carga a quem deles se apropriava. Assim foi ao longo dos séculos, uma vez que cada frente de expansão que se abria sobre uma área nova, deparando lá com tribos arredias, fazia delas imediatamente um manancial de trabalhadores cativos e de mulheres capturadas para o trabalho agrícola, para a gestação de crianças e para o cativo doméstico. (RIBEIRO, 2006, p. 89)

Diante de todo o cenário de destruição a que os indígenas foram, e são, submetidos, as medidas que poderiam garantir uma reparação para o grupo ainda são insuficientes e temporárias. Atualmente, é uma realidade comum o fato de que a população indígena enfrenta uma lacuna significativa em diversos níveis de inclusão social, marcada por um histórico processo de negação e invisibilidade social que remonta ao período colonial.

No entanto, essa realidade não se sobrepôs ao sentimento de resistência presente no olhar da indígena Kawany Fulkaxó. Para desconstruir e superar a invisibilidade social historicamente construída pelo colonizador, ela evidencia em seus contos marcas linguísticas e culturais da sua comunidade, numa representatividade pautada pelo conhecimento ancestral do seu povo. Na mesma direção dessa ação, Kawany vê no conhecimento formal garantido pela educação uma possibilidade relevante para a conquista do espaço social e, em seu trabalho de mestrado, ressalta a importância da academia no processo de construção de conhecimentos e saberes:

Dentro da grande maioria das comunidades indígenas, nos dias de hoje existe a consciência da necessidade dos nossos jovens buscarem conhecimentos e saberes que possam ser agregados e adaptados aos sistemas culturais de cada povo. Nesse sentido, os jovens são incentivados a irem buscar esses conhecimentos dentro do meio acadêmico, de forma que possam contribuir para o processo de busca de autonomia desejado por cada povo, mantendo as suas tradições e seus princípios ancestrais. (KAWANY, 2022)

A invisibilidade social foi uma das motivações, dentre tantas outras, que fez de Kawany uma defensora e protetora das questões que envolvem o seu povo. Isso porque, numa sociedade múltipla e complexa, aceitar o outro com todas as suas características representativas é uma condição natural e os argumentos que são postos na contramão dessa lógica são frágeis, não se sustentam.

Se para Pinto de Sá (2008)¹⁰, “o invisível tende a significar o insignificante”, Kawany rompe as barreiras em torno desse conceito e em seus contos, numa busca desbravadora, dissemina comportamentos culturais e usos linguísticos que fazem parte da identidade do seu povo. Assim, sobrevive a linguagem, sobrevive a cultura!

Kawany publicou 4 volumes da coleção *Kariri Xocó: Contos Indígenas* e essa coleção integra o projeto “Música e Histórias da aldeia Kariri Xocó” realizado pelo Sesc São Paulo. Os volumes foram publicados no intervalo de 2019-2023 e os contos são destinados para o público infantil. Para divulgação da sua obra, ela participa em feiras literárias e eventos culturais em diversas localidades no Brasil. A seguir, alguns registros dessa divulgação:

¹⁰ De Sá Pinto Tomás (2008) entende o fenômeno da invisibilidade social sobre uma perspectiva fenomenológica onde este é um sintoma de uma sociedade do espetáculo na qual vivemos. O desprezo social e o não reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade. Nessa sociedade tida como sociedade do espetáculo na qual nós vivemos, o invisível tende a significar o insignificante. Com efeito, múltiplos sentimentos estão ligados ao sentimento central de ser invisível para os outros: a vergonha, a paranoia, a impressão de insucesso pessoal, o isolamento, a clandestinidade, a insignificância.

Figura 2: Card de divulgação da Feirinha Talismã.



Fonte: Feirinha Talismã.

Figura 3: Card de divulgação da FLIPF.



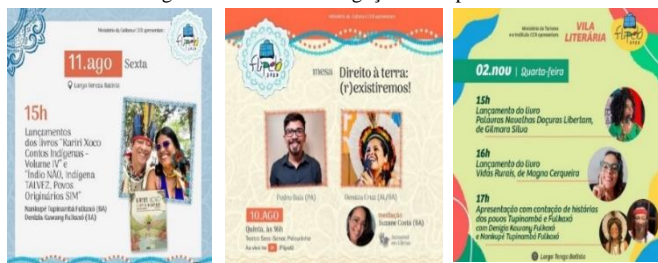
Fonte: Festa Literária Internacional de Praia do Forte.

Figura 4: Convites de lançamento.



Fonte: Livraria Escariz.

Figura 5: Cards de divulgação da Flipelô.



Fonte: Festa Literária Internacional do Pelourinho.

Figura 6: Card de divulgação da Fligê.



Fonte: Feira Literária de Mucugê.

Nesses eventos de divulgação, Kawany procura fortalecer a cultura da comunidade indígena, enfatizando que a sociedade, em geral, precisa conhecer algumas manifestações culturais que, muitas vezes, são estigmatizadas por quem não compreende a importância dos rituais baseados no conhecimento ancestral.

A seguir, será apresentada uma tabelada em que os contos são agrupados por algumas categorias temáticas.

Quadro 1: Tabela de divisão dos contos por grupos temáticos.

GRUPOS TEMÁTICOS	TÍTULO DO CONTO	V.
Contos que enfatizam a relação com a terra	<i>Vovó Ivete e a terra Fulkaxó</i>	3
	<i>Mydzé e a bancada do cocar</i>	4
	<i>Mutirão da Vida de Souré</i>	1

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Contos que expressam o papel dos mais velhos	<i>Tunyrã e a História do Angiqueiro</i>	2
	<i>A roda dos mais velhos</i>	3
Contos que ressaltam os ancestrais	<i>O Canto da Dondonzinha</i>	1
	<i>A Cura do Mundo: Povos da Floresta</i>	2
	<i>O pawí e o sagrado</i>	3
	<i>Wakay o guerreiro da água II</i>	4
Contos que apresentam brincadeiras e instrumentos sagrados	<i>Kamurim e as Brincadeiras Indígenas</i>	1
	<i>A Maraca e a História dos Astros</i>	2
Contos que trazem pássaros	<i>Tawanã e o Pássaro Vi-Vi</i>	1
	<i>A dança do Pássaro Akauã</i>	1
	<i>O canto do papa pimenta</i>	4
Contos que apresentam plantas sagradas	<i>Kamurim Mensageiro da Planta Sagrada</i>	2
	<i>Kamurim e as Árvores Heié Sutu Sagradas Santoá</i>	3
	<i>O Pajé Suíra e a árvore sagrada</i>	3
Contos que trazem atividades profissionais	<i>Barro Buyê e a Olaria Kariri Xocó</i>	2
	<i>Tawanã o pintor da aldeia</i>	3
Contos que apresentam o mundo contemporâneo	<i>Mydzé e o marco da vida</i>	3
	<i>Emany e a vacina</i>	3
	<i>Kamurim no mundo digital</i>	4
	<i>Buyê no mundo das línguas</i>	4
Contos que expressam a divindade	<i>Wakay – O guerreiro da Águia</i>	1
	<i>Nhenety Memboré Urubu Mirim Seririte</i>	1
	<i>Amor dos Deuses</i>	4
Contos que enfatizam a relação com a natureza	<i>Yanawá e a Família da Natureza</i>	1

	<i>Rio Opará, que Deságua no Mar Nunca Morre</i>	2
--	--	---

Elaboração: Maria Ionaia de Jesus Souza, 2023.

Em seus contos, Kawany procura ressaltar aspectos que valorizam a cultura indígena, dentro de uma narrativa que intercala conhecimentos linguísticos e culturais do povo Kariri-Xocó e da sociedade atual. Não se pode negar que o multiculturalismo representa uma demanda urgente na contemporaneidade e conhecer a literatura indígena é de fundamental importância no sentido de proteger e preservar os conhecimentos culturais dos povos originários e, para além dessa preservação, é preciso se respeitar, para valorizar e para se permitir aprender com visões de mundo, de tempo e espaço bastante distintos do pensamento ocidental tradicional. A produção literária de Kawany ratifica a consciência que a mesma tem em relação à necessidade de preservar o patrimônio cultural do seu povo e salvá-lo não somente do olvido como também do silenciamento imposto por uma educação pautada no olhar eurocêntrico.

3. *Considerações provisórias*

O reconhecimento da pluralidade cultural dos povos originários é a condição primeira para desestabilizar o olhar eurocêntrico que se naturalizou em torno dos indígenas na sociedade brasileira. Com um saber peculiar a cada povo, a palavra não escrita tem um diferencial, pois faz parte do acervo pessoal de cada indivíduo, por isso a literatura oral em contraponto com a literatura escrita não concorre, elas coexistem.

Este trabalho pode contribuir para ressaltar a (re)existência linguística do povo Kariri-Xocó, além de apontar informações relevantes para que se possa compreender como a produção literária poderá auxiliar na preservação e sobrevivência da cultura indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, C. M. de S. *Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais*. In: ISQUERDO, A.N; SEABRA, M.C.T. de (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2012. v. VI. p.145.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1986 [1977].

CRUZ, Denízia. *História e espelhos: memórias de vida, relatos e experiências de uma educadora indígena*. il. 2022. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2022. 172f.

MUNDUKURU, Daniel. *Para ver o mundo pelos olhos nativos*. Blog das letrinhas: 20 dez. 2016. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Para-ver-o-mundo-pelosolhos-nativos>. Acesso em: 25 jul. 2023.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília-DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. Índios do Nordeste: temas e problemas 2. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de *et al.* (Orgs). *Os índios fortes: aspectos empíricos e interpretativo do xamanismo Kariri-Xocó*. Maceió: EDUFAL, 2000. p. 316

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIEZZER, Moema. *Abya Yala, genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bambual, 2021.